

TRIBUNA Livre

16
FEVEREIRO
1957

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDIT. PAULO BARROSA DE MACEDO DIRECT. ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA REDACT. JOÃO BARROSA DE MACEDO

PROPR. PAULO BARROSA DE MACEDO Composição, Impressão e Distribuição: LARGO DE OLIVEIRA SALAZAR III 2213 - AMARES

Portugal Saúda a Rainha Inglesa

AMIZADE E LEALDADE MULTISSEculares

Ao recebermos, na Velha e Nobre Casa Lusitana S. Magestade a Rainha Isabel II de Inglaterra e S. Alteza Real o Príncipe Consorte, Duque de Edimburgo, personalidades das mais destacantes no mundo, pela alta posição que ocupam como representantes de uma grande nação amiga e de uma comunidade de nações que ainda hoje, apesar de todas as vicissitudes, pesa incontestavelmente nos destinos da humanidade, havemos de recordar e enaltecer os fortes laços de amizade que

uniram as duas nações através dos tempos; e por mais que se diga, jamais poderemos esboçar o quanto a influência mútua das relações entre estes dois grandes povos se reflete nos seus destinos, na vitalidade dos seus organismos e na própria personalidade. Se a Aliança, como facto incontestavelmente único no mundo, pela sua antiguidade e também como exemplo de continuidade, vale como símbolo do carácter conservador e dom de lealdade dos dois povos, e, se as suas

condições geográficas os fizeram gente do mar, cada qual com o seu período áureo—O Portugal das caravelas e a Inglaterra do navio a vapor—o maior paralelo que lhe poderemos apontar e que encaminhou as duas nações em sentido convergente, é a sua afinidade como nações condutoras de povos.

Duas grandes comunidades—A Britânica e a Luso-Brasileira—entrelaçam-se em todos os continentes e mais do que aproximadas pelo factor geográfico, encontram-se enlaçadas pela corrente espiritual da mais forte amizade, que a actual visita de S. Magestade mais virá firmar nos corações dos dois povos gloriosos e dos seus dirigentes.

Porém, se a amizade é factor espiritual valioso, a importância de que se revestem as duas comunidades faz vergar ao

(Continua na 6.ª página)

A Feira Franca decorreu com animação e muita concorrência

Amare-11—Promovido pelo Grémio da Lavoura e subsidiado pela Câmara Municipal, efectuou-se ontem com grande concorrência a já tradicional Feira Franca e Concurso Pecuario, a qual levou ao Largo D. Gualdim Pais uma grande enchente de forasteiros, quer de todas as freguesias do concelho, quer dos concelhos circunvizinhos.

Inscreveram-se cerca de 140 concorrentes o que deu origem, que o recinto, após as 14 horas apresentasse um aspecto colorido de visitantes.

Houve concurso de chamadeiras que se apresentasse rigorosamente vestidas com os trages típicos regionais, havendo distribuição de prémios para aquelas que se apresentasse nas condições do regulamento.

A distribuição de prémios de gados foi classificada pela seguinte ordem:

Gado de Talho

1.º-prémio—Quinta da Portela—de Goães—300\$00; 2.º-prémio—D. Nuno Figueira Carvalho, de Carracedo—200\$; 3.º-prémio—Abilio Machado, de Monsul—100\$00.

(Continua na 3.ª página)

Comentários

O que escrevemos não lê. Sabemo-lo de antemão, mas não preferimos o silêncio. São notas que ficam para mais tarde. Não usaremos a insensibilidade do boi, nem a maldade da vespa.

Não nos conformamos com a indiferença perante as responsabilidades com que julgamos poder ocupar os cargos deixando que todos caem o anseio de sair desta penosa apatia.

Entristece-nos pensar no julgamento futuro destes homens que não fazem nada e toleram tudo que for vingança e torpela.

Perguntem a opinião do amigo mais íntimo e vejam se mesmo esse os anima. Sabemos de coisas última-

(Continua na 4.ª página)

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

Este é substituído por Matias de Albuquerque, mas Joane Mendes de Vasconcelos disputa-lhe as honras e os louros colhidos pelas armas do Alentejo.

O comando das armas desta província passou pela mão dos mais conceituados generais, até que em 1657, já no reinado de Afonso VI, do conde de S. Lourenço passou ao experimentado general Joane Mendes.

Foi dos mais célebres cabos de guerra do seu tempo; tal a sua valentia, que por vezes redundou em indisciplina e lhe acarretou desgostos e insucessos.

João Luis de Vasconcelos, governador de Mazagão, sustenta aqui a honra das armas portuguesas, pelejando valorosamente contra os mouros.

Marlins Mendes de Vasconcelos, governador de Porto Santo, festejou aí tão ruidosamente a notícia da Restauração, que o estrondo das salvas e as descargas da fusilaria e da artilharia afugentaram uma esquadra de doze navios turcos que bloqueavam a ilha.

Sem ambições nem vaidades, inteiramente alheio ao bulício do mundo, vivia a vida do claustro, que iluminava com seu saber e virtudes, Frei João de Vasconcelas da Ordem dos Pregadores.

Do epitáfio gravado no seu túmulo, existente na igreja de S. Domingos, em Lisboa, frente ao Frei Luis de Granada, conclui-se que foi grande teólogo; sendo de muito ilustre sangue, mais edificantes foram os seus costumes; foi do Conselho de El-rei e do Supremo Tribunal da Inquisição. Recusou a dignidade episcopal; faleceu com fama de grande piedade cristã, dor dos pobres e saudade de todos, em 1652, com 62 anos de idade. Foi seu biógrafo o P.e Frei André Ferrer de Val de Cebro.

Merece especial relevo o nome de João Rodrigues Vasconcelos e Sousa 2.º conde de Castelo Melhor, que, encontrando-se também ao serviço de Castela, em Cartagena das Antilhas, onde recebeu a notícia da Restauração, concebeu o arrojado plano de arrebatá-la e trazer a Portugal a esquadra castelhana que ia carregar a prata armazenada em Porto Belo, mas foi denunciado e preso.

Com a organização do processo infligiram-lhe os maiores vexames e suplícios; manietado e descalço, com o hábito branco do supliciados, foi apresentado aos bárbaros juizes que sentenciaram à morte; nem perante tais

(Continua na 6.ª página)

Factos e Comentários O pé descalço

Que me perdoem por eu falar. Mas vou falar. Vou dizer aquilo que penso. Que a Liga de Profilaxia Social me perdoe. Mas, o mal não deve ser combatido como se combate. Não podemos proibir, somente proibir. Atentemos, primeiro, na causa que o produz.

Chamam-lhe chaga nacional. Chamam-lhe, ainda, outros nomes... Aplicam-se sanções. Publicam-se livros, mas não se buscam as causas primeiras. Eu vivo entre pobres. A maior parte dos leitores vive, também, entre eles. Como obrigar a um estômago vazio o agasalho dos pés? Eu conto um caso. Não cito nomes. A senhora, que praticou a obra de caridade a que vou aludir, dá com a direita de modo que a esquerda não veja. Ela pede muitas vezes. Ela já me pediu a mim. Vinha do Porto, da caminheta. Era da Viação Auto-Motora. Passava na freguesia da Misericórdia e ouviu. Ouviu e viu que duas mulheres apontavam para um montão de areia, onde, com uma só manta, uma família inteira pernoitava. No outro dia foi ao pároco. Era verdade. Arranjou cobertores e deu. Deu cobertores, deu calor, deu vida.

Eles não podiam cobrir os pés. Eles não podiam porque não tinham. Eles não tinham se-

(Continua na 4.ª página)

NÓS E AS FESTAS A SANTO ANTÓNIO

Todos os que já presenciaram as Festas a Santo António sabem que elas atingiram uma projecção que excede tudo quanto se poderia ambicionar.

Diga-se mesmo que excederam o âmbito da nossa importância para se projectarem num nível que as torna os maiores festejos realizados ao grande taumaturgo no norte do país.

Como se trata de uma realização efectivamente grande num concelho em que se vive no marasmo, com os homens a ocupar os cargos por vaidade embora sintam que todos anseiam pela sua ausência, não podemos deixar de oferecer os nossos préstimos aos que não se poupam a sacrificios de toda a ordem para realizar essa grande manifestação de vitalidade

que são as Festas.

A nossa ajuda vai fazer-se por meio de uma subscrição aberta nas colunas deste jornal e destinada aos que vivem fora do concelho e no estrangeiro, dado que os do concelho subscrevem-se numa lista que todos os anos os visita.

Se não estivessemos perante uma realização em verdade grandiosa, ficar-nos-íamos no silêncio; assim, não. E em consciência os que presam o nome do seu concelho e o querem engrandecido, não poderão deixar de contribuir.

As despesas das Festas excedem 40 contos, os quais terão de sair do bolso de todos. Nelas se reunirão este ano as duas melhores Bandas

(Continua na 4.ª página)

TRIBUNA AGRÍCOLA

As Abelhas

A mãe comum

Por Avlis

(Continuação do número anterior)

Sabendo nós que dentro da colmeia existe mãe e filhas, justo será descrevermos o peso das abelhas, o qual varia com os meses, com a alimentação, a qualidade dos terrenos, e mesmo com qualquer influência local; mas a média mais aproximada no geral é a que mil abelhas, pesam um quilo, e cada dez mil pequenas células de obreiras podem conter quatro quilos de mel. Três mil e cem abelhas medem aproximadamente um litro. Em boas estações, quando há muitas flores, dez mil abelhas, colhem, por viagem, trinta gramas de mel. Calculando seis viagens por dia, um enxame de dez mil abelhas podem colher quatro mil e quinhentos gramas de mel num dia. Em países muito abundantes em flores, há colmeias tão fortes que chegam a colher diariamente de três a dez quilos de mel; mas isso é raríssimo, e não é na nossa terra nem com o nosso tipo de colmeias, que se o ano correr mau podem não chegar a colher o necessário para o sustento do inverno, e ser então preciso sustentá-las a mel ou açúcar, reduzido a xarope, durante o tempo que não há pastos, assunto este de que nos ocuparemos em capítulo especial.

Nesta ocasião levadas pela fome, devoram frutas e substâncias completamente inadequadas ao seu organismo digestivo, o que é por vezes a ruína da colônia. Quando se tira o mel dos favos por meio do extractor, operação de que trataremos em devido tempo, fornecendo novamente os favos vazios às abelhas, estas produzem rapidamente mais, por isso que, não necessitando de gastar o tempo a armazenar cera e construir novas células, dedicando-se cedo à apanha do mel, aproveitando para este fim o tempo que deviam gastar na edificação dos reservatórios. É quase impossível calcular os habitantes de uma colmeia.

Nascendo oitocentas e cinquenta obreiras por centímetro quadrado de favo, compreendidas as duas faces, pode haver, uma boa colmeia móvel, de cinquenta e oito mil abelhas e dois a três mil zangãos; isto tratando-se de uma aproximação.

A máxima população de um cortiço,—de um dos nossos antiquados cortiços—é de oito a quinze mil obreiras.

A fêmea-mãe começa a postura em Janeiro, terminando em Outubro. A maior postu-

ra verifica-se na primavera, em que põem de três a quatro mil ovos por dia.

Eis, segundo o conhecido dr. A. Lubini, o tempo que as fêmeas-mães, obreiras e machos levam a desenvolver-se.

	Mãe - Obrei. - Macho
Ovo	dias 3—3—3
Crescimento da larva	" 5—6—6 1/2
Fiação do casulo	" 1—2—1 1/2
Período de repouso	" 2—2—3
Metamorfose em crisálida	" 1—1—1
Duração do seu aperfeiçoamento	" 3—7—9
Duração média da postura à saída da célula	" 15—21—24

Como a visão das abelhas é principalmente diurna, elas não saem da colmeia durante a noite, mas nem por isso descansam, trabalham incessantemente na construção das células e armazenamento do mel. As abelhas bebem água para diluir a papa que dão à criação e para liquefazer o mel antigo cristalizado nas células. De verão colhem a água nas fontes e regatos, e, de inverno, servem-se do vapor de água que sempre há na colmeia. Na habitação reina uma primavera perpétua, quando há

uma alimentação suficiente, o que é indispensável para a vida das abelhas; se a temperatura baixa, ficam inactivas, incapazes de trabalho algum, acumulando-se de encontro umas às outras num pequeno espaço e assim desenvolvem calor. Se, porém, houver calor em demasia, estabelecem ventiladores, isto é, colocam pela colmeia além, desde a abertura, filas de obreiras, agitando incessantemente as asas com uma rapidez vertiginosa.

A temperatura numa abelha isolada eleva-se sempre acima da atmosfera. O tórax está também a maior temperatura do que o abdômen, por causa da enérgica respiração necessária para os insectos dotados de locomoção aérea, a concentração do calor no tórax, é numa intensidade proporcional à potência efectiva do voo.

É pelo natal que mais lembra o mel; em boa verdade, esta lembrança não se devia limitar apenas à festa do natal mas sim, como um alimento diário; será a melhor subremsa que o leitor poderia utilizar com proveito nutritivo e poderoso reagente orgânico.

O mel pode ser usado por todos, e sem limites de idade, desde o mais novo ao mais velho.

Noseu próprio interesse alimente-se com mel puro; cuidado com as imitações!...

O mel quando puro não mostra qualquer impureza; verifica-se com facilidade, através de uma vasilha de vidro liso branco posto de frente à luz do sol, ou mesmo uma luz artificial. Também pode adaptar a seguinte experiência, encha um copo de vidro branco

de meio litro com água pura, deite-lhe uma gota de mel; se for ao fundo sem se diluir na água, é puro, mas se se desfizer através da água, o mel é falsificado.

Conheça a vida das abelhas e sua utilidade através deste semanário.

(Continua)

Hortas e Jardins

Hortas—Plantam-se batatas para produzir no cedo e semeiam-se cenouras, alfaces, favas, ervilhas, grão-de-bico, etc.

“Os trigais mondiam-se das ervas daninhas. Acabam-se os preparativos dos terrenos para as sementeiras da Primavera. Nas vinhas findam-se as podas e continua-se com a plantação do bacelo americano.

Pelo fim do mês começa a enxertia das videiras.

O que convém fazer este mês

Engarrafar o vinho

O melhor mês para engarrafar o vinho é o de Fevereiro, mas deve-se escolher um dia fresco, seco e sereno.

As garrafas devem estar bem lavadas e é conveniente passar-se um pouco de vinho em todas elas.

As rolhas devem estar muito maleáveis devendo para isso estarem de molho (se forem de rosca) ou ferverem-se (sendo de cortiça).

Se quiser que o vinho ganhe um pouco de gás introduza, em cada garrafa, uma uva passa ou uma colherinha de aguardente açucarada.

O Morangal

Nos morangais novos os granjeiros não são muitos—mas não indispensáveis, pois deles depende o futuro da plantação.

São eles: a retancho a supressão das guias e a execução de sachas e regas.

O primeiro realiza-se 15 dias após a plantação, com plantas guardadas para tal fim ou utilizando algumas guias das plantas vizinhas.

A supressão das flores no primeiro ano, ainda que repugne ao cultivador, geralmente apressado em colher os primeiros frutos do seu trabalho, é, no entanto prática de grande interesse para assegurar às plantas uma grande robustez e bom enraizamento. Além disso as plantas «capadas» no primeiro ano frutificam muito melhor no ano seguinte. A supressão das flores provoca, porém a emissão de guias, que têm de ser cortadas para que a planta não enfraqueça. Essa supressão faz-se de 15 em 15 dias, com auxílio de uma tesoura ou outro instrumento bem afiado.

As sachas devem ser frequentes mas superficiais, vindo de preferência ser feitas a ancinho, só se sachando a maior profundidade no Outono e no Inverno.

A falta de água prejudica não só a frutificação do ano mas ainda a do ano imediato. Duas ou três regas generosas durante o período da frutificação, completadas com sachas ameadas, põem o morangal ao abrigo da sede.

Para protecção das plantas convém fazer, à data da floração, uma pulverização com uma calda de arseniato de chumbo a 0,5% o que protege o morangal de diversas pragas. Uma aplicação de bordalêsa a 1% no fim do Inverno também constitui boa prática.

Vinhas e pomares

Trate, no Inverno, as suas videiras contra o «algodão», também chamado «Pseudococcus citri». Depois das videiras limpas proceda a uma aplicação da seguinte mistura: 2 litros de azeite (ou de amendoim, ou ainda da actual mistura), 740 gramas de oleina, 500 gramas de amónio, para 100 litros de água. A amónia deita-se em 10 litros de água e junta-se depois, mexendo continuamente a mistura do óleo com a oleina. Adiciona-se o resto da água na altura de aplicar.

Os tratamentos de Inverno das fruteiras, muito fáceis e económicos de executar, diminuem e até anulam o ataque de certos parasitas e doenças nos anos seguintes. Assim, o «bichado» diminui muito, o pedrado quase desaparece; a árvore rejuvenesce, apresenta melhores lançamentos e floração, e, futuramente, melhores

frutos. Por que não realizar, pois, tal tratamento? Por teimosia? Por desleixo? Fracas razões...

●A fruteira, como todo o ser que trabalha, precisa de comer e, como melhor o fizer, melhor trabalha e produz. Adube-as, pois, com quilo e meio de superfusato 18% e um quilo de sulfato de potássio, par árvore adulta e de vigor normal, aumentando ou diminuindo estas doses, conforme se trate de árvores muito grandes ou já decrépitas ou de árvores de pequeno porte ou excessivamente vigorosas.

●No podar não corte à toa ou «por figurino»; lembre-se de que árvores saudáveis, robustas e em plena produção pouco precisam de poda, que quase se deve limitar a uma poda sanitária para supressão dos ramos mal dirigidos, doentes ou que adensam demasiadamente a copa.

Relojoaria Maurício Queiroz

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género.

Completo sortido de relógios das melhores marcas.

R. D. Frei Caetano Brandão

Telefone 2526

BRAGA

Assine e divulgue

A "TRIBUNA LIVRE"

TRIBUNA do CONCELHO

Feira Franca em Amares

(Continuação da 1.ª página)

Bois de Trabalho

1.º-prémio—Augusto José de Magalhães—Amares—200\$; 2.º-prémio—Manuel Almeida—Fiscal—100\$00; 3.º-prémio Belmiro da Cunha—Caires—50\$00.

Vacas de Trabalho

1.º-prémio—Bernardino Laranjeira—Caldelas—150\$00; 2.º-prémio—António Machado—Lanhas—100\$00.

Touros sem desfecho

1.º-prémio—António de Almeida—Fiscal—100\$00. 2.º-prémio—José António dos Santos Pereira—Portela—50\$00.

Touras sem desfecho

1.º-prémio—Manuel Armando Martins—P. de Lanhoso—100\$00. 2.º-prémio—Bernardino da Silva—Crespos—50\$00.

Touros a dois dentes

1.º-prémio—Alvaro Gomes da Costa—Carracedo—100\$00.

Touras a dois dentes

1.º-prémio—Augusto José de Magalhães—Amares—100\$00; 2.º-prémio—António da Silva—Vilela—50\$00.

Porcos de engorda

1.º-prémio—Manuel de Araújo—Figueiredo—100\$00; 2.º-prémio—Alberto de Jesus Pinheiro—Amares—50\$00.

Caldelas

É de lamentar que nesta estância a iluminação pública não exista há dois meses, que os postes não tenham lâmpadas, em artérias onde são absolutamente indispensáveis, principalmente na Avenida que começa na Pensão Nascimento e acaba junto do Cruzeiro. Talvez a entidade competente não tenha conhecimento, mas verifica-se o desleixo e a falta de cuidado que por estas coisas há.

Além, da falta de luz na Avenida, verifica-se o mesmo desleixo em todas as artérias onde existe electrificação. É justo que, embora a Estância não se encontre aberta aos aqúistas, não se despreze tanto, porque é acima de tudo um centro urbano dos melhores do Concelho.

Porcas de criação

1.º-prémio—Simplicio José de Sousa—Águas Santas—50\$; 2.º-prémio—Manuel Luis de Sousa—Águas Santas—50\$00.

Vacas Leiteiras

1.º-prémio—Severino de Jesus—Ferreiros—150\$00; 2.º-prémio—José dos Santos Meneses—Ferreiros—100\$00.

Gado Cavalor

1.º-prémio—Arnaldo Vasco Gondarela—Vila Verde—100\$ 2.º-prémio—António Sebastião Vieira Esteves—Caires—50\$00.

Chamadeiras de Gados

1.º-prémio—Ema Leite da Costa de Goães—100\$00. As restantes foram premiadas com 20\$00 cada.

E assim mais uma vez o Grémio da Lavoura local, promoveu esta Feira Franca e Concurso Pecuário, que pelo seu significado vai creditando a sua acção em benefício da Lavoura Concelhia.

Seramil

Por ter furtado pinheiros duma propriedade, queixou-se contra Jaime Gonçalves, casado, jornalista, residente no lugar de Real, desta freguesia, Pureza Esteves, casada, proprietária, residente no lugar da Igreja, também desta freguesia.

Não havendo prova testemunhal, a G.N.R. averiguou o caso que, foi comprovado com a queixa apresentada.

Caires

Furtos de pinheiros

Subtraíram lenha de trepos e vários pinheiros, Manuel de Jesus Fernandes da Silva, solteiro, do lugar da Portelinha, João Batista da Silva, do lugar do Roupeiro, e Adelino da Silva, solteiro, também do lugar do Roupeiro e todos desta freguesia.

Os malandrins assaltaram as propriedades de Belmiro da Silva, proprietário e residente em Cervães, da cidade de Braga; José Augusto de Almeida, casado, Arnaldo Vieira Faria, proprietário; e Américo do Evaristo, o primeiro de Caires e estes de Dornelas.

Amares

Desavenças entre família!

Crizóstomo Gonçalves, solteiro, serrador, espancou sua irmã Rosa de Jesus Fernandes, solteira, doméstica, ambos residentes nesta Vila de Amares.

A Rosa ficou bastante ferida junto a uma vista, em

virtude de ter sido agredida com uma chança.

Bouro

Após grande discussão envolveram-se em desordem Abílio de Jesus Marques, casado, agricultor, e Manuel Adelino da Silva, casado agricultor, residentes respectivamente nos lugares de Dornas e Adigueiro, ambos desta freguesia.

Nesta contenda tomou ainda parte António Carlos Fernandes Marques, irmão do Abílio Marques, que vibrou uma pancada na cabeça do Manuel produzindo-lhe uma ferida bastante contusa.

O Abílio também agrediu o ofendido Manuel com um varapau originando-lhe várias equimoses no rosto.

Caires

Festa da Padroeira

Como a Padroeira de Caires (Santa Maria) é N.ª S.ª da Purificação—ou Nossa Senhora da Luz—que a igreja celebrou no passado dia 2 de Fevereiro, procurou-se celebrar a festa da Padroeira, com aquele cerimonial grandioso, com a magestade litúrgica que esse dia nos oferece: assim, às 6 horas da manhã após uma alocução do Rev. Pároco houve a benção solene das velas, distribuição e procissão luminosa pelo adro da Igreja; a seguir missa cantada pelo grupo masculino da paróquia e Consagração da Paróquia a Nossa Senhora da Luz e Comunhão geral.

Às 8 horas houve outra missa que foi rezada; durante ela rezou-se o terço com mavirosos cânticos nos mistérios e uma formosa alocução.

A tarde, com grande concorrência de fideis houve a comvente cerimónia da Benção das mães e a benção das crianças que nasceram e foram baptizadas no ano findo de 1956, nesta Paróquia de Caires no total de 50 e que vieram no colo de suas próprias mães, como real simbolismo da cerimónia litúrgica da apresentação do Menino Jesus no templo de Jerusalem, que aí se dirigiu no colo de sua Mãe Maria Santíssima que se quiz sugar ao Rito Legal da Purificação. No final das benções, as mães ofereceram à Igreja uma vela nova em homenagem à mãe de Jesus, que também oferecera um par de rolinhas como preceituava a lei, com a referência aos pobrezinhos. Foi um dia cheio dedicado a Santa Maria de Caires, que o bom povo desta paróquia dedica todos os anos, à Sua querida Padroeira, Rainha e Mãe, Nossa Senhora das Candeias. Bem haja o nosso povo por respeitar este dia, cheio de encantos.

Salvé Nobre Padroeira.

C.

BOURO

Santuário de Nossa Senhora da Abadia

—Actividades da Nova Mesa—

Está quase concluído o plano de Urbanização do Santuário de nossa Senhora da Abadia, incluindo melhoramentos importantes no local e nas estradas de acesso ao Santuário, S. Miguel o Anjo e Coração de Jesus, etc.

Assim, mostra a Nova Mesa Administrativa a sua boa vontade de bem servir o maravilhoso Santuário, para que ele possa dentro em breve, elevar-se ao lugar que tão dignamente merece.

O plano de importantes melhoramentos a realizar no Santuário e estradas de acesso, mostram bem claro a actividade e força de espíritos dos elementos Administrativos.

Oxalá que a sua boa vontade permaneça e que tudo corra ao encontro dos seus desejos, para que o progresso triunfe no HISTÓRICO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DE ABA-DIA.

A. F.

Marco do correio

Sr. «ESPA»—Agradecemos a sua colaboração, mas em virtude da celeuma causada pelo seu último artigo, não nos é possível, publicar, até segunda ordem, o que nos foi enviado ultimamente, pelo que pedimos desculpa.

Sr. ARNALDO DOMINGOS DIAS—Lisboa—Como pode ver pelo presente número, já enviamos algumas notícias de sua freguesia.

Na verdade não tem sido muitas, mas nem sempre há possibilidades.

Agradecemos o assinante que se dignou indicar-nos.

Sr. AUGUSTO DA SILVA PINHEIRO—Lisboa—Agradecemos o soneto enviado e em breve será publicado.

Novos Assinantes

Pelo Sr. António Joaquim Dias, nosso assinante em Lisboa, foi-nos indicado o Sr. João Batista Pereira, natural de Adaúfe e actualmente em Lisboa, para novo assinante, o que agradecemos.

Recebemos carta do Sr. Elisio Martins Rebelo, actualmente em África, a pedir a sua inscrição para novo assinante, o que com todo o prazer fizemos e o presente número já lhe é enviado.

Transgressões

Pelo art.º 3.º do Regulamento Policial do Distrito de Braga, foram autuados:

—António da Silva—Freitas, casado, ferreiro, de S. Sebastião-Figueiredo;

António Vieira, solteiro agricultor, de S. Aleixo Figueiredo;

—Luis da Silva Machado, solteiro, barbeiro, de Real-Figueiredo;

—Laura Vieira, casada, taberneira, de S. Sebastião-Figueiredo.

Julgamentos

Em 28 do passado, respondeu sumariamente, António Vieira, «O Crova», casado, de Figueiredo, acusado de no dia anterior haver faltado ao respeito e consideração da G.N.R. Foi condenado.

—No mesmo dia, responderam por transgressões ao Código de Posturas Municipais:

—Manuel Tinoco, casado, de transgressão-Figueiredo. Foi condenado.

João Fernandes, casado, de Besteiros-Amares. Foi absolvido.

HUMORISMO

À solta

O maluco vai no carro eléctrico e quando este se aproxima da paragem puxa o cordão das campainhas, fazendo tocar a da frente e a de trás.

—Por que faz tocar as duas campainhas?

—Pergunta-lhe o conductor.

—Porque quero, quando eu me apeio, que as plataformas parem ambas.

Não sou daqui

Dois borrachos, saíam de um restaurante a altas horas da noite.

Um deles fita o céu, onde a lua vai subindo, e diz ao companheiro:

—Olha lá, aquilo é o sol ou é a lua?

—Não sei. Não sou destes sítios.

Notas falsas

Um indivíduo, preso em flagrante delito de fabricar notas falsas, é levado à presença de certa autoridade, que lhe diz:

—O senhor não se envergonha de fazer moeda falsa?

—O que quer V. Ex.ª? Eu não sou ministro para a imitar por decreto!...

GRANDES PERSPECTIVAS

quanto ao petróleo em Angola

«Em face dos resultados positivos já obtidos, pode mesmo afirmar-se que haveria lugar para manifestações de optimismo muito mais expansivas do que as que, com notável senso e prudência, se tem registado na imprensa local», escreve «A Providência de Angola», referindo-se aos lençóis petrolíferos já referenciados em Angola. E acrescenta:

«Particularmente os trabalhos realizados na prospecção da estrutura «Luanda», são de molde a dar a completa garantia da viabilidade da exploração económica dos nossos recursos petrolíferos. Nesta estrutura, que, baseados nos dados técnicos obtidos de fonte responsável, dissemos já ser bastante mais rica que a de Benfica, acabam de ser recolhidos novos elementos concretos que confirmam tais perspectivas.

«O poço de prospecção «Luanda III» cujo início de perfuração se verificou no dia 14 do mês passado, acaba não só de confirmar todos os dados técnicos apresentados pelo anterior, como de o exceder notavelmente. A 1.650 metros de profundidade, em camadas extraordinariamente premeáveis, foi assinalado o primeiro contacto com a estrutura petrolífera, exactamente a uma semana; depois disso foram recolhidas «carotes» da rocha petrolífera numa espessura de 29 metros, tendo então sido feito um ensaio de produção, que apresentou uma estimativa de produção, diária de 160 metros cúbicos de petróleo.

«Prosseguindo a perfuração e recolha de «carotes», foram atravessados mais 18 metros de rocha petrolífera, e fez-se novo «test» de produção, que

Festa de S. António

(Continuação da 1.ª página)

do norte além de inúmeros atractivos que as tornaram famosas.

Hoje, deixamos o assunto à consciência dos nossos estimados assinantes e em breve voltaremos ao assunto, desta vez para dar início à nossa tarefa.

Factos e Comentários

(Continuação da 1.ª página)

quer para comer. São estas as causas primeiras do «pé descalço». Primeiro combater estas, sem conferências, sem publicações. Depois, então depois, combater, tenazmente, o mal. Todos o reconhecemos. Todos nos empregaremos, então na luta, mas somente quando a frase lapidada de Salazar for cumprida. «Para cada família um Lar, para cada abraço uma enxada, para cada boca pão».

elevou a estimativa para 4.000 barris, ou 640 metros cúbicos, por dia.

«Até ao dia 4, de manhã, quando estivemos na «Petrofina», a colher estes elementos, que nos foram amavelmente fornecidos pelo sr. engenheiro Alves Pereira, director administrativo daquela empresa, tinham sido aprofundados mais 12 metros de rocha petrolífera, não havendo ainda sinais de se ter alcançado o fundo desta estrutura.

«Recapitulando, temos pois, que a sonda de «Luanda III» já atravessou 59 metros de rocha petrolífera, de excelente permeabilidade não havendo ainda sinais de estar próximo o «fundo» desta «rocha» petrolífera. As observações técnicas recolhidas permitem encerrar como possível uma produção da ordem dos 8 mil barris, ou sejam 1.280 metros cúbicos, só neste poço, quando em completa ordem de produção.

«Em continuação desta nossa colheita de elementos fidedignos junto da direcção da

«Petrofina», fomos informados de que, praticamente, todos os recursos de material e pessoal de prospecção vão ser concentrados na estrutura «Luanda», ficando a de «Benfica» como reserva para exploração futura. Dentro desta orientação estão já hoje a trabalhar nesta zona a sonda «Ideal 110», cujo alcance é de mais de 4.000 metros e com rendimentos de 400 metros perfuração diária, em condições normais; a sonda «H-40», também de grande alcance e rendimento, e uma sonda menor, com um alcance de 1.000 metros, está a funcionar como «sonda-piloto», abrindo as primeiras centenas de metros, que qualquer das outras depois aprofundará até alcançarem a camada petrolífera.

«Estão já executados os trabalhos de assentamento para a instalação da sonda que, dentro de dias, iniciará a abertura do poço «Luanda IV», mesmo junto à cerca das estações emisoras e receptoras dos CTT, na estrada da conduta. Estão também já marcado mais doze outros poços a abrir consecutivamente na mesma zona.

Quanto à instalação da futura refinaria de Luanda, o jornal transcreve as seguintes informações:

«Havia um projecto inicial, o qual, em virtude da incerteza que reinou durante alguns meses, de ser ou não concedida a autorização para a sua instalação, esteve posto de parte. Uma vez resolvida esta questão vital, com a concessão da autorização para a sua instalação, o projecto entrou em fase de estudo promenorizado, no qual estão a trabalhar activamente os técnicos da empresa, de harmonia com as indicações resultantes do próprio andamento dos trabalhos de prospecção. As encomendas do material e maquinismos para a refinaria deverão ser feitas dentro de um prazo relativamente breve».

Comentários

(Continuação da 1.ª página)

mente que já não despertam o riso, impõem tristeza.

Perderam a noção das coisas e dos homens, ficam sôzinhos, já ninguém quer a quota parte da responsabilidade, mas ficam...

Aquilo que nos disseram é confrangedor, até a nós causa pena, interrogamo-nos a perguntar que terá de dizer quem tiver de analisar, futuramente, tais situações e como é desolador o panorama a que deixaram chegar isto num alheamento de responsabilidades que não está certo, que não pode estar certo, mesmo que seja acompanhado de mil desculpas.

Temos medo de nos alongar por ainda ser cedo, mas acreditem que não somos pelo silêncio.

Tribuna de Vila Verde

(Continuação da 6.ª página)

casa ou as suas serviçais chegam ao mercado, só encontram couves velhas para os porcos. Resultado: Os produtos comprados pelas tais regateiras—e que regateiras!—são vendidos pelo triplo e mais, com a agravante de não pagarem os direitos no mercado.

Aí fica o pedido, crenças que medidas serão tomadas em benefício do consumidor.

D.

Novo assinante

Domingos José de Oliveira, freguesia de Gondiaes Vila Verde.

Afogada no Rio Homem

Na freguesia de Valbom (S. Pedro), concelho de Vila Verde apareceu afogada no rio Homem, Custódia Dias de Azevedo, de 26 anos de idade, solteira, filha de Manuel de Azevedo e de Lucinda Dias, residente no lugar de Campelo da mesma freguesia.

Não se suspeita de crime, pois há bastante tempo que a extinta se encontrava bastante neurasténica devido a fortes dores na cabeça.

Antes do tresloucado acto, deixou ficar em casa todo o ouro que habitualmente costumava usar.

As autoridades tomaram conta da ocorrência.—C.

Portugal saúda a Rainha Inglesa

(Continuação da 6.ª página)

ticano, conseguirá restabelecer o catolicismo no seu País, reparando assim o mal feito por Henrique VIII e que Isabel I, talvez para não desacatar a vontade do Pai, não quis reparar quando recebeu por morte da sua irmã a Rainha Maria Tudor, um estado católico? Tudo é possível.

Mas sem nos querermos alongar demasiadamente em citações históricas, devemos apontar outro elo poderoso que nos uniu à Inglaterra pelos laços conjugais de infanta D. Catarina de Bragança com Carlos II de Inglaterra. Quando novamente nos vimos envolvidos na dura Guerra da Restauração, que durou 28 anos, foi revisto o tratado de Aliança, ao qual ficou ligado o casamento de D. Catarina, que levou de dote para a Coroa Inglesa, além de outros avultados valores, as fortalezas de Tânger e Bombaim. Pena foi que D. Catarina de Bragança, por ser estéril, não tivesse deixado descendentes na Coroa Inglesa tal como sucedeu com D. Filipa de Lencastre em Portugal, o que mais teria fortalecido a Aliança.

Finda a guerra da Restauração sucedeu-se a reciprocidade de auxílios, tendo nós por vezes sofrido a invasão territorial por nos termos recusado a alinhar contra a Inglaterra, como por exemplo na Guerra dos Sete Anos e na Guerra Peninsular (Roliça, Vimieiro, Porto, Buçaco, Torres Vedras), Batalha Naval de Aboukir, etc.

Pode realmente a Inglaterra mostra-se reconhecida para

com a lealdade portuguesa, a qual, nem mesmo foi abalada pelo repugnante Ultimatum e pelo acordo secreto Anglo-Alemão para partilha das nossas possessões, que D. Carlos, através da hábil diplomacia de Soveral, conseguiu anular com o tratado de Windsor. Devido aos compromissos da Aliança batemo-nos novamente na Grande Guerra, e na Segunda Guerra Mundial, ao ser invocada a Aliança enveredamos por uma neutralidade colaborante que muito beneficiou os Aliados. Tem-se assim servido os interesses das Duas Nações Amigas, recebendo os ingleses da nossa parte a maior prova de lealdade, mesmo em circunstâncias difíceis, de índole económica, que temos procurado debelar, algumas vezes com manifesto prejuízo para nós, mas que por isso mesmo, hoje como nunca, se encontra consolidada a amizade entre os dois povos.

As duas nações amigas: O Portugal das Caravelas e da Revolução Comercial; e a Inglaterra da Revolução Industrial e do navio a vapor, continuam o seu caminho, fortalecendo os valores espirituais, hoje tão desprezados no mundo, especialmente a amizade, que é escarnecida e apunhalada pelo ódio.

Seja esta notável visita um exemplo a seguir pela diplomacia universal, em que a lealdade não se vê por vezes presidir aos actos, mas antes se vê campear por toda a parte a traição.

Portugal saúda a Rainha com toda a lealdade e amizade!

EME

ALFAIATARIA LONDON

Largo Dr. Oliveira Salazar

FEIRA NOVA

E

ALFAIATARIA CENTRAL

Largo D. Gualdim Pais

AMARES

DE

AMÉRICO RAÚL PEREIRA

Confecção de fatos para Homem, Senhora, Criança e eclesiásticos.

Pelos melhores figurinos nacionais e estrangeiros.

Pessoal devidamente especializado

Instalada no 1.º andar do prédio onde está instalado o Grémio da Lavoura de Amares

TELEFONE 62120

Restaurante e Pousada da Abadia

Aluga-se a pessoa que saiba bem receber e bem servir. Tem casa para moradia. Condições vantajosas.

Falar em Bouro, na Casa Almeida & Silva, telefone n.º 3865.

Esta iniciativa acompanha o grande plano de melhoramentos a realizar no local do Santuário e estradas.

O Secretário,

António Almeida

Constituição de Sociedade (Por Minuta)

Por escritura desta data, lavrada nas notas do Cartório do notário do concelho de Amares, Doutor Adolfo Pereira Vilela, foi constituída uma Sociedade por quotas de responsabilidade limitada entre D.ª Avelina Amélia Fernandes de Azevedo, D.ª Maria Amélia Fernandes de Azevedo Silva e marido Dr. Avelino Manuel da Silva, José Carlos de Azevedo Silva e António Pereira de Araújo, nos termos e sob as clausulas e condições constantes dos artigos seguintes.

1.ª A sociedade adopta a firma J. AZEVEDO, SUCESORES, LIMITADA, tem a sua sede no estabelecimento industrial no lugar do Entroncamento, da freguesia de Figueiredo deste concelho de Amares, tendo por objectivo a indústria de serração, de madeiras, caixaotaria, carpintaria e qualquer outra industria julgada conveniente e de interesse, quando de inteiro acordo entre os sócios.

2.ª A sociedade durará por tempo indeterminado e terá o seu começo no dia 2 de Janeiro de 1957.

3.ª—O capital social é de 220.000\$00, constituído por duas quotas. A primeira, ou seja, o quota dos sócios D.ª Maria Amélia Fernandes de Azevedo Silva e marido (herdeiros de Dr. João Carlos Rodrigues de Azevedo), da sua viúva D.ª Avelina Amélia Fernandes de Azevedo e de José Carlos de Azevedo Silva, é da importância de 120.000\$00, valor atribuído aos seguintes bens que eles trazem para a sociedade e nela põem em comum, com todos os respectivos e correspondentes direitos, a saber: a) «CASA DE RÊS DO CHÃO E PRIMEIRO ANDAR E CAMPO JUNTO, tudo unido e sito no lugar do Entroncamento da dita freguesia de Figueiredo, confronta do nascente e sul com a estrada nacional, do norte com Júlio Veloso e do poente com Frederico António Dias Colona, é formado por todo o descrito na Conservatória do Registo Predial de Amares sob o n.º 9.901 e por parte dos descritos sob os n.ºs 10.904 e 14.328 e acha-se inscrito na respectiva matriz urbana sob o art.º 1 e na rústica sob o artigo 720, com o valor matricial corrigido de 14.220\$00 e declarado de 30.000\$00; b) «LEIRADA HORTINHA,» sita no mesmo lugar e freguesia descrita na conservatória sob o n.º 19.473 e inscrita na matriz sob o art.º 717, com o valor matricial corrigido de 810\$00 e declarado de 10.000\$00; c) «e TODAS AS MÁQUINAS em laboração para serração de madeiras e mais pertences existentes no prédio mencionado na alínea a), no valor de 80.000\$00. A segunda quota, pertencente ao sócio António Pereira de Araújo, em numerário, é da importância de 100.000\$00 já realizado.

4.ª—Qualquer dos sócios poderá fazer suprimentos à caixa social vencendo estes o juro que entresim combinarem.

5.ª As cessões de quotas, no todo ou em parte, a favor de estranhos, ficam sempre dependentes de prévio e expresso consentimento e acordo dos outros sócios.

6.ª—A sociedade será representada em juízo e fora dele activa e passivamente por qualquer dos dois sócios José Carlos de Azevedo Silva ou António Pereira de Araújo, os quais ficam sendo gerentes, sem caução, sendo necessário a assinatura do sócio José Carlos para a sociedade ficar válidamente obrigada.

§ único—Só o sócio António Pereira de Araújo poderá retirar da caixa mensalmente, até à quantia de 1.200\$00.

7.ª—É vedado aos gerentes o uso da firma ou assinar em nome da sociedade quaisquer actos ou contratos que digam respeito a negócios estranhos à sociedade, tais como letras de favor, fianças etc.

8.ª—Os lucros líquidos apurados nos balanços dados e referentes a 31 de Dezembro de cada ano, depois de deduzidos 5% para o fundo de reserva legal, serão divididos em duas partes iguais uma para os possuidores da primeira quota e outra para o possuidor da segunda quota.

9.ª—Em caso de dissolução da sociedade, os sócios detentores da primeira quota, viúva e herdeiros do Dr. João Carlos Rodrigues de Azevedo e José Carlos de Azevedo Silva, ficarão integralmente, com toda a instalação, máquinas, casas, terrenos e benfeitorias, sem discussão ou avaliação por lhe ser sempre atribuído o mesmo valor, procedendo-se à liquidação e partilha dos bens em depósito ou outros tais como créditos, a não ser que um dos sócios queira ficar com os mesmos e, nesse caso, ser-lhe-à feita a adjudicação pelo valor a combinar ou pelo maior preço oferecido no caso de haver mais de um sócio interessado.

§ único—Se passados 3 anos a contar do dia dois de Janeiro de 1957 algum dos sócios quizer abandonar a sociedade, é obrigatório avisar, por carta registada e quatro meses de antecedência os outros sócios.

10.ª—Em caso de falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, a sociedade continuará com os herdeiros ou representante do sócio falecido ou interdito, se assim o acordarem os sócios restantes.

11.ª—Em todo o omissio, regularão as disposições da lei de 11 de Abril de 1901 e mais legislação aplicável.

Amares e Cartório Notarial, 31 de Dezembro de 1956.

O Ajudante,

José de Abreu Dias

ZÓZIMO S. RAMOS MÉDICO

Consultas, com hora previamente marcada,
aos sábados e domingos,

Na rua de São Marcos, n.º 127-1.º, em Braga

SECRETARIA JUDICIAL DE VILA VERDE Anúncio

(2.ª publicação)

Pelo Juízo de Direito desta comarca correm éditos de trinta dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os interessados incertos para no prazo de dez dias, posterior ao dos éditos, contestarem a acção sumária movida por João Peão Lopes, viúvo ferroviário, morador na rua Justino Teixeira n.º 310, da cidade do Porto que pretende, além do mais, seja reconhecida a propriedade plena da herança deixada por o dr. Alvaro Peão Lopes morador que foi na cidade e comarca de Lisboa, de que o autor é cabeça de casal, sob pena de serem condenados definitivamente no pedido.

Vila Verde, 25 de Janeiro de 1957

O Chefe da 2.ª Secção,

(a) António Monteiro

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

(a) João Gonçalves Dias

TRIBUNA LIVRE
é distribuída em Braga,
no Quilisque Central,
Largo do Barão de São
Martinho

Folhetim da "Tribuna Livre,, 8

SEMPRE NOIVOS

(Recordação do Minho—Usos e costumes)

Por Porfírio de Sousa

—Se as alfacinhas não são mais bonitas que a Maria Teresa, também não são tão trocistas!

—Estou ansiosa por chegar a casa...

—Para quê?

—Para ir buscar o saca-rolhas...

—Não é preciso... e até lhe peço que vamos mais devagar.

—Para quê?

—Para lhe dizer que pensei em namoro!

—E do pensar ao pedir ainda leva muito tempo?

—Depende...

—De quê?

—De um sim.

—E então porque espera?

—De saber, de antemão, se você tem a coragem de o dar...

—Eu fui sempre uma rapariga corajosa e... mais nunca fui tro-

—A menina Maria Teresa está a entrar-me em casa.

—Eul! que disparatel!

—Concorda, então, em nos namorarmos?

—Concorda!

—Bem digo eul!

—O quê?

—Que está sempre a trocar.

—Foi em Lisboa que você aprendeu a pedir namoro, assim, às cachopas?

—Você quer ser minha namorada?

—Ah! Agora ouvi! Levou tempo, mas, enfim, chegou!

—Sim ou não?

—Sim, José.

Eu também simpatizo consigo, e há muito tempo, e se eu fosse rapaz e você rapariga já há muito lhe tinha pedido namoro...

—Gosto da sua desenvoltura e decisão!

—É para que veja!

E quero que aprenda comigo...

—O quê?

—A ser desembaraçado e a não ter papas na língua...

—É uma questão de tempo!

—Mas olhe que se pego namoro consigo não é para andar a empatar tempo e, depois, você bater a asa em busca de outra...

—Descanse.

Como lhe disse, tenho pensado muitas vezes em si e o encontro de hoje não foi casual, não o devo ao acaso, mas sim aos meus cálculos: apresentaram-se-me várias soluções, mas a melhor, a meu ver, e a que deu óptimos resultados, foi a de a vir esperar ao adro da igreja, quando viesse para a missa—e eu sabia, de antemão, que você gosta, de preferência, da missa da manhã.

—Sim?!

—É a verdade.

—Estou para ver...

—À tarde aonde vai?

—Ainda não sei, mas você pode ir até ao lugar do Monte, que ninguém lhe bate!

—Isso sei eu!

—Sabe?!

—Sei!

—Porquê?

—Porque eu não deixo que me batam!

—Isso é fiar-se demasiadamente em si próprio!

—Não tenha receio!

—Ah! eu não tenho!

—E eu também não.

—Gosto de o ver assim valente...

—Mas diga-me:

A que horas a posso esperar?

—As quatro.

(Continua)

MONOGRAFIA DO CONCELHO

Continuação da 1.ª página

humilhações perdeu o porte de verdadeiro fidalgo.

Estalaram-lhe os ossos dos dedos para que jamais pudesse manejar uma espada torturando-o desalmadamente numa lóbrega masmorra; em que só era permitida a entrada de frei Ambrósio do Espírito Santo, seu confessor, que, compadecido, começou a pensar na salvação do prisioneiro.

Alguns portugueses, que conseguiram fugir e chegar a Lisboa, levaram ao conhecimento da condessa sua esposa o que se passava.

D. Mariana de Lencastre logo correu aflita ao paço, a expôr a D. João IV a situação do marido.

Seguiu imediatamente para Cartagena um bem apetrechado navio, fundeando dali onze léguas, à espera que o conde pudesse escapar-se e recolher a bordo.

Conhecidos de frei Ambrósio, que se ocupava em pedir esmolas para sustentar o conde, os preparos da libertação logo os transmitiu ao preso.

Entretanto, para maior infelicidade, o navio português era apresado por outro holandês; só depois que o seu comandante se inteirou do verdadeiro fim que levava o barco português àquelas paragens, é que, em vez de exibir qualquer soma pelo resgate, encheu-se de brios e também se propôs auxiliar a empresa.

Em certo esconderijo da floresta vizinha da fortaleza recebia o frade todas as instruções para o conde, de quanto se planeava para arrancá-lo daquela triste situação, no que muito se interessou também certa dama castelhana, de cujo nome a história guardou para sempre o segredo.

Até que ao cabo de muitos e delicadíssimos trabalhos, que seria longo enumerar, em uma noite de Junho ardente, o morrão aceso por uma das vigias da fortaleza foi sinal para o navio português, que que aguardava a distância no escuro da noite, o momento da arriscada evasão.

Por uma escada de nós, presa ao reparo de uma peça, desceram primeiro dois criados e depois ele mesmo com muita dificuldade, por lhe terem estalado no peito os ossos da mão esquerda.

No navio veio também frei Ambrósio; e, quando pela manhã, correu veloz pela cidade a notícia, já os navios português e holandês seguiam a rota de Lisboa.

D. João IV recebeu o conde com as honras devidas ao seu heroísmo e fé inquebrantável, fazendo-lhe mercê do governo de Entre Minho e Douro e de uma comenda de mil cruzados.

Também não foram esquecidos os serviços de quantos trabalharam na sua libertação.

Recuperadas as forças, eis-lo que surge nas fronteiras do Minho o torturado de Cartagena, decidido a vingar todos os ultrajes e humilhações que sofrera.

A tomada de Salvaterra (1643) foi um verdadeiro triunfo.

Combatendo a peito descoberto nas primeiras filas dava o exemplo da coragem, em que era imitado pela própria condessa D. Mariana de Lencastre, em cujas veias circulava também, por um de seus maiores, sangue de Vasconcelos.

Trocando as vestes femininas pelos atavios militares, de botas altas e na cabeça o emplumado chapéu militar, correndo sobre as muralhas de Monção, a rezar e a tratar dos feridos, excitou ao máximo a abnegação e o heroísmo das mulheres do Minho, a recordar a célebre Deus-a-deu Martins do tempo de D. Fernando.

Os filhos, Luiz de Vasconcelos e Sousa e seu irmão Simão, criaram-se a brincar com as armas, a correr pelas trincheiras no ambiente dos acampamentos, sob o influxo dos grandes exemplos.

Todos, até o próprio rei reconheceram a seu tempo que Luis de Vasconcelos e Sousa, 3.º conde de Castelo Melhor, havia nascido para mandar e com efeito, aos 26 anos governava Portugal, no cargo de *escrivão de puridade* de Afonso VI, que, se mereceu da posteridade o cognome de «Vitorioso», a mais ninguém o deveu, senão à competência da grande ministério.

A sua preponderância no reinado de Afonso VI é assás conhecida; provou a todas as cortes da Europa quanto era digno da confiança do monarca.

Também experimentou a profunda ingratidão dos homens; suportou o desterro; escapou por milagre à perseguição dos emissários de D. Pedro II, escondido debaixo do altar-mór do convento do Buçaco, donde conseguiu sair bem disfarçado para o exílio de 8 anos, através da Espanha, da Itália e da França.

(Continua no próximo número)

Portugal Sauda a Rainha Inglesa

Amizade e Lealdade Multiseculares

(Continuação da 1.ª página)

peso dos interesses materiais. A posição no mundo, dos povos de língua portuguesa, com os seus avantajados 100 milhões de almas, que constituem a Comunidade Luso-Brasileira, em verdadeira pujança e com uma projecção sem igual no futuro, devido aos recursos do Brasil e da África e à vitalidade do génio luso, são hoje sério factor a apontar ao mundo e em muitos casos exemplo a seguir.

Mas, se a lusitanidade da nossa raça é capaz de feitos sobreumanos e se a sua posição chave no mundo é de molde a ser considerada respeitada, devemos apontar os dons excepcionais de coragem e abnegação do povo inglês, que têm levado a grande nação amiga aos maiores requintes da glória e a tem livrado do naufrágio em horas bem amargas, permitindo-lhe a tradicional fleuma usar de toda a ciência de oportunidade, nos grandes lances, a ponto de lhe, pertencer, quase sempre, a ultima palavra nas decisões históricas que desde há séculos comandam o mundo.

O fortalecimento da amizade, verdadeiro fiel da balança governativa dos povos, merece os maiores elogios, e bem haja quem proporcione este intercâmbio diplomático entre as duas nações, ambas pioneiras da civilização ocidental, preparadas pela sua experiência multissecular para conduzir e civilizar povos.

Forte motivo de orgulho é para Portugal ter ensinado a língua portuguesa ao Brasil e ter dado à civilização este poderoso e ilustre País; mas não menos orgulhosa se deve mostrar a Inglaterra por ter civilizado e ensinado a falar a sua língua à mais poderosa nação do Mundo: A América do Norte.

Rio de Janeiro e Nova Iorque; expoentes do génio criador dos dois povos aliados, padrões de glória de raças inconfundíveis, cuja projecção no mundo é mais que evidente.

Mas, a par destes já memoráveis títulos de glória, torrentes civilizadores e energias criadoras sem fim, foram espalhadas por todos os outros continentes, em igual pujança, por estes dois povos amigos: em África, na Ásia e na Oceania!!!

Para tal, muito influenciaram os tratados de aliança e amizade entre as duas nações, que as aproximaram, especialmente nos momentos de maior perigo nacional.

Assim, quando tivemos de travar a Guerra da Independência, com batalhas como a de Aljubarrota e Valverde, ao lado dos briosos e indómitos cavaleiros portugueses, lá estavam também os ingleses, embora em número reduzido, acompanhados pelo Duque de Lencastre, futuro sogro de D. João I. A par do sangue ver-

tido nas batalhas, fortalecia-se a Aliança com seguros laços de amizade, efectuando-se o auspicioso casamento da Princesa D. Filipa de Lencastre com o nosso Rei (1387), como havia já sido estabelecido por o tratado de Windsor (1386), tratado este que ainda hoje se mantém quase estruturalmente e já havia sido firmado por D. Fernando (1373), depois de sucessivos tratados de comércio, com início no reinado de D. Afonso IV.

Isabel II, ao visitar o Mosteiro da Batalha, obra prima de arte e padrão de glória dos portugueses, há-de sentir muito especialmente estes factos históricos que tanto vieram fortalecer a Aliança, que desde esse recuado tempo tem sido invocada nos grandes transes históricos da vida dos dois povos. Desde que «aquela loira inglesa que se chamou Filipa de Lencastre, tão severamente casta, tão forte de vontade e tão propensa às leituras e a alevantadas ideias» (no dizer de um ilustre biógrafo) — deu oito filhos a D. João I, de entre os quais se destacam os **INFANTES DA INCLITA GERAÇÃO**, vinculou a Aliança como por nenhum outro meio se poderia ter feito, a qual nos ajudou a firmar a paz que viemos a assinar, depois de 27 anos de luta. Se porém, esta Aliança assim for-

talecida nos serviu para consolidar a nossa posição para com Castela, também na sequência dos reinados muito serviu de apoio à causa inglesa pelo prestígio alcançado pela Coroa Portuguesa no período áureo dos Descobrimentos, iniciados pelo Infante de Sagres e que atingiram toda a glória em D. Manuel.

Quando Portugal, com a descoberta do caminho Marítimo para a Índia, operou a chamada Revolução Comercial, transferindo para Lisboa a supremacia comercial que arrebatou a Veneza, tornou-se o maior empório comercial do mundo eo ponto nevrálgico de todas as ambições. Na Inglaterra formaram-se mais de vinte grandes companhias que viam à custa do comércio com Lisboa, a que presidia o espírito da Aliança, especialmente a partir de Isabel I, outra grande rainha de brilhante cultura, que sabia francês, italiano, latim e grego, em cujo reinado as letras atingiram o alto nível de Shakespeare. Foi grande iniciadora do Império Britânico com a colonização da América, em honra da qual, a quem chamavam Isabel a Virgem, foi cognominado o Estado da Virgínia. A grande Nova Iorque começou a sofrer a influência britânica no seu reinado, prolongado e profíquo. A Rainha Vitória não lhe ficou atrás e consolidou o Império. Esperamos que Isabel II seja maior ainda na diplomacia. Quem sabe se esta já notável Rainha, pelas boas relações que mantém com o Va-

(Continua na 4.ª página)

Tribuna de Vila Verde

Vão maus os tempos

—A verdade é uma coisa que está esquecida e desprezada por quase toda a gente e mórmente por pessoas que pelo seu lugar de representação moral, a não deviam esquecer. Mendiga-se, calunia-se e mente-se com uma desfaçatez incommensurável. Muitas pessoas há que não olham aos locais em que caluniam, sejam eles Templos sagrados, tabernas ou outros lugares onde o ambiente lhes é propício, e onde encontram sempre uma clientela baixa mas amoldada à sua imagem e semelhança, e muitos destes, até possuem documentos públicos de caluniadores e que se armam em moralistas, não fazendo previamente seu exame de consciência pesando os seus inúmeros defeitos morais. defeitos esses que só por uma aberração de sentimentos são tolerados.

A sociedade, tem de se expurgar desses elementos que pela sua maldade, enveja e ambição, são elementos perniciosos e que não olham aos meios para conseguirem os seus fins maldévolos.

Outros há que se fazem amigos de todos e armam em importantes para encobrir as suas façanhas de... levar e trazer só parar ver se conseguem reha-

ver o seu prestígio abalado, por traficâncias e desonestidades cometidas, e ventilados nos tribunais.

E' preciso formar uma barreira contra estes energúmenos que não tripudiam em abalar uma sociedade já por si no lodo da mentira. Que as pessoas de bem que ainda restam neste globo conturbado, se deem as mãos para estirpar esta cáfila de embecis.

Com vista ao Senhor

Presidente da Câmara

Chamam a nossa atenção para pedir ao Ex.mo Senhor Presidente da Câmara, para o que se está passando que, a ser verdade, requere rápidas providências.

Existe um mercado na vila que praticamente não funciona em virtude de não haver lá nada que comprar, por que as várias vendedeiras com lugares espalhados pela nossa vila tomam, ao romper do dia, as embucaduras de acesso ao campo da Feira, e agarram as lavradeiras que para o mercado se dirigem com os seus produtos, os compram, dando origem a que, quando as donas de

(Continua na 4.ª página)